

Entrevista com Luís Miguel Rocha, autor português no top do "New York Times", sobre o seu novo romance, a "Filha do Papa" págs. 08 e 09



O escritor é um estudioso da política do Vaticano e tem passado os últimos dias naquele Estado a dar entrevistas e a analisar a sucessão de Bento XVI. FOTO: PORTO EDITORA



Luís Miguel Rocha é um apaixonado pelos mistérios do Vaticano: não pelas questões religiosas, – “não percebo nada de religião!” – mas pela política que envolve as decisões do Estado sede da Igreja Católica. Estudioso, investigador, “vaticanista” – como alguns lhe chamam – o escritor português cruza, nos seus livros, factos históricos com rumores mais ou menos desmistificados. A escrita descritiva e a imaginação tornaram-no um fenómeno de vendas. Em 2009 apareceu na lista de *best-sellers* do *New York Times*, por “O Último Papa”. Agora, numa altura em que o Vaticano está à espera do arranque do Conclave que encontre o substituto do resignado Bento XVI, o autor edita “A Filha do Papa”, mais um polémico ensaio sobre a relação de 40 anos entre a Madre Pasqualina e o Papa Pio XII – conhecido como o Papa da II Guerra Mundial e também o único Sumo Pontífice a não ser beatificado... **C metro** conversou com o autor e publica, em exclusivo, um excerto da primeira parte do livro que hoje chega às livrarias.

Como se deu o seu interesse pelo Vaticano? Tudo começou por acaso em 2005. Conheci pessoas que me apresentaram uma história sobre a morte de João Paulo I, em 1978. Uma história absolutamente fascinante! A partir daí, o meu envolvimento com o Vaticano era nulo: sabia que o Papa era João Paulo II e que aparecia na janela de vez em quando (ri-se). Com João Paulo I foi

LUÍS MIGUEL ROCHA

Escritor regressa com mais uma história de mistério e investigação sobre os alegados bastidores do Vaticano. E se as mulheres fossem o calcanhar de Aquiles da não-beatificação do Papa Pio XII?

QUEM É ‘A FILHA DO PAPA’?

a melhor forma de entrar nas histórias do Vaticano: foi um Papa fascinante, apesar de só ter estado ao serviço durante 33 dias, mas tinha sido um padre, bispo, cardeal fascinante a todos os títulos. Abriu o apetite para descobrir cada vez mais e mais sobre o Vaticano. Conheci “vaticanistas” – especialistas na matéria ou jornalistas sediados no Vaticano.

Há muitos factos em torno do Vaticano que levantam muito mistério. Tudo o que se faz no Vaticano dá para depois baralhar e contar a história de maneira diferente. Houve um padre que me disse uma coisa muito interessante: no Vaticano, quando uma versão oficial é lançada, é escusado procurar outra versão. Aquela é a verdade! Mas para quem está inserido na temática e vai perceber-

do o que se passa, sabe que não é assim. O Vaticano dá sempre a versão oficial que lhe convém: no caso de Bento XVI, a resignação dá-se por doença e cansaço.

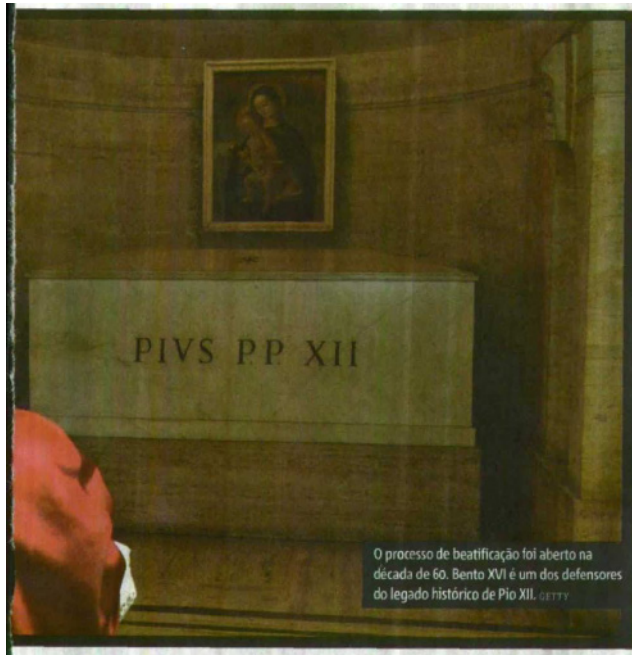
Mas não se fala das razões desse cansaço e doença. Ora bem! Se calhar a resignação dá-se por uma sigla com três letras: I.O.R. – Instituto para as Obras de Religião, mais conhecido como Banco do Vaticano.

Diz que “tudo o que se faz no Vaticano dá para depois baralhar e contar a história de maneira diferente”. Aproveite essa fórmula nos seus livros? Sim. Conto a minha versão. Vou ter com a fonte, estudar os assuntos, faço a minha interpretação dos factos e escrevo. Este “A Filha do Papa” é baseado em rumores que Pio XII teve uma filha com a Madre Pasqualina. O que é um

facto histórico e inegável é que estiveram juntos mais de 40 anos.

Ela foi a única mulher presente num Conclave, certo? Exatamente, em 1939. Até Paulo VI, os cardeais podiam levar aios. Normalmente homens. E Pio XII foi o único a levar uma mulher. Por aí já se vê a cumplicidade que eles tinham. Mas em 1939 já se conheciam há vinte e tal anos, conheceram-se em 1917.

Há um debate histórico muito longo sobre a não-beatificação de Pio XII. Há quem o acuse de antisemitismo. O Luís teve a curiosidade de ir perceber o porquê dessas acusações? Sim. Ao partir para este livro levava todas as ideias negativas de Pio XII: que era o Papa da II Guerra Mundial, amigo do Hitler... com a investigação percebo que Pio XII não era nada disso: era um homem



O processo de beatificação foi aberto na década de 60. Bento XVI é um dos defensores do legado histórico de Pio XII. GETTY

fabuloso, uma espécie de Aristides de Sousa Mendes em grande escala: estima-se que tenha salvo, indiretamente, 800 mil judeus. Não é verdade que não tenha denunciado o nazismo: simplesmente não o denunciou publicamente. O historiador da II Guerra Mundial, Martin Gilbert, conta que Hitler tinha em cima da sua secretária 55 protestos da Santa Sé contra o nazismo. O melhor amigo de Pio XII (o nome verdadeiro era Eugénio Pacelli) chamava-se Guido Mendes e era judeu. O Papa frequentava os *sabbaths* de judeus, as celebrações aos sábados! Portanto, o antisemitismo não é o problema: é antes um calcanhar de Aquiles injusto para a não-beatificação.

Factos e rumores



“A Filha do Papa’ é baseado em rumores que Pio XII teve uma filha com a Madre Pasqualina. O que é um facto histórico e inegável é que estiveram juntos mais de 40 anos”

Luis Miguel Rocha, autor de “A Filha do Papa”

Então, onde é que aparece a história sobre a filha do Papa? São rumores ou há factos? São rumores dos anos 60 e foi isso que usei à letra: eles tiveram uma filha, que ele nunca soube e que foi entregue a uma família no Vaticano para ser criada e que se chama Anna. Eu uso, neste livro, o “E se?”. É uma especulação, porque eles viveram juntos 41 anos! Mais que muitos casais. E nos primeiros 13, quando ele estava na nunciatura da Baviera, em Munique – conheceram-se num retiro em que ela foi tratar dele – todas as férias iam juntos para o local onde se conheceram. De 1917 a 1929/30. Quase como um casal, algo romântico! Depois seguiram para o Vaticano e até 1958 ela dedicou-lhe a vida. E se os rumores forem verdade, como terá sido? O que aconteceria?

Então, o que acha que aconteceria? Bom, a existir essa filha, ela deveria ter hoje 83 anos. E deveria ser cativa, que é o que acho que aconteceria à filha de um Papa. Teria que viver a vida escondida.

Chegou, em algum ponto da investigação, perto dessa senhora, Anna? Há jornalistas que defendem a pés juntos que ela existe e que lhe falaram desta história. Uma delas diz-me que a conheceu, mandou-me fotografias e tudo o mais. Não entrevistei essa mulher. Mas também não é isso que me interessa: há tanto mal que lhe podem fazer só por se saber que ela existe! BRUNO MARTINS

Rorschach, Suíça 25 de Setembro de 1930

Nada é mais corrosivo que uma dúvida. Imiscui-se numa palavra, num gesto, numa ausência e invade os pensamentos minando a mente com cismas e confabulações.

As bâtegas batiam no vidro com violência e as escovas limpa-vidros não conseguiam desviá-las com eficácia. Era um exército de pingos de chuva feroz que, ajudado pelo vento, se espalhava por todos os recantos do pára-brisa, como as dúvidas, a coberto da noite negra, que os faróis tentavam, em vão, desbravar.

*– Pode ir mais depressa? – pediu o prelado agastado no banco de trás.
– O tempo está perigoso, Excelência – avisou o motorista, em alemão.
– Já estamos perto.*

Mesmo assim, o condutor pegou num pano para limpar a névoa do vidro do Mercedes-Benz 770 e acelerou um pouco mais, até ao máximo que a responsabilidade lho permitiu. Contorceu-se no banco. O corpo a pedir clemência da longa viagem. Não se atreveu a olhar pelo retrovisor interior para aquela figura esquelética e frágil que ocupava o lado esquerdo do assento de trás, a mirar o negrume nocturno.

Desconhecia o motorista os ditames nada éticos que faziam o clérigo estar ali naquele carro a novecentos quilómetros de casa, ou não fosse o nosso corpo hábil a esconder as dores da alma... a maior parte das vezes. O prelado permanecia imóvel a olhar pelo vidro pintalgado de chuva. Um relâmpago iluminou o caminho por breves segundos e deixou-o ver o recorte das árvores que se vergavam à mercê do tempo. Havia uma profunda inquietação naquele passageiro de meia-idade e olhar sorumbático. O barulho do vento e da chuva a atacar o tejadilho abafava a respiração alterada pela ansiedade. O troar do trovão, mesmo por cima dos dois homens, fê-lo saltar do assento.

– Isto está mau – murmurou para si mesmo.

– Não se preocupe, Excelência – disse o motorista que dera pela inquietação do prelado. – Ladra mas não morde – acrescentou com um sorriso tímido. Os homens de Deus não gostavam muito de sorrisos.

Pensou em corrigir o motorista – já não era Excelência, era Eminência, o solidéu vermelho que trazia assim o definia –, mas ele não era obrigado a saber o protocolo das hierarquias da Madre Igreja.

A viatura continuou a abrir caminho através da intempérie com a condução segura e escrupulosa do sulço. Depois de uma curva mais pronunciada à esquerda atravessaram a entrada da propriedade. Os enormes portões, abertos, resistiam ao vento. Ao fundo, avistaram o destino. O clérigo estremeceu e as suas palpitações aumentaram. Estava a chegar a hora. O vidro embaciado deixava discernir um edifício escuro, algumas janelas iluminadas pela luz interior a denotar vida humana. Um relâmpago iluminou a fachada de três andares em tonalidades de branco e cinzento. O homem de Deus sentiu um aperto no coração à medida que se aproximavam do destino. O sulço parou junto à porta principal e saiu do carro, abrindo desajeitadamente um chapéu-de-chuva para proteger o prelado da chuva forte. O clérigo olhava fixamente para a porta principal da mansão. O que estou aqui a fazer, meu Deus?

O motorista abriu-lhe a porta e o vento inundou o interior do carro sem permissão. O homem respirou fundo antes de sair da viatura. Chegara o momento de se livrar das dúvidas que o corrotam.

A chuva intensa não deixou ouvir o carro chegar. Não fez diferença. Ela sabia. Ele ausentara-se de Roma há alguns dias e ninguém tinha conhecimento do seu paradeiro. Não precisava que lhe dissessem mais nada.

Ninguém o conhecia melhor. A forma como ele pensava, como geria os sentimentos, as dúvidas. Receava que a perspicácia dele a levasse ao retiro, mais cedo ou mais tarde.

Não podia vir em pior altura. Um dia depois e ele nunca saberia. O suor pespegava a roupa ao corpo da freira e a respiração ofegante denotava esforço.

Estava deitada de barriga para cima, de pernas abertas, uma posição nada confortável para quem estava habituada a ocultar-se debaixo das roupas.

A parteira estava ajoelhada entre as pernas dela com uma mão apoiada no ventre.

Sanja, de hábito azul-escuro, entrou ajoita nos aposentos segurando toalhas dobradas nas mãos e olhou timidamente a freira que estava deitada (...)

Exclusivo
METRO

